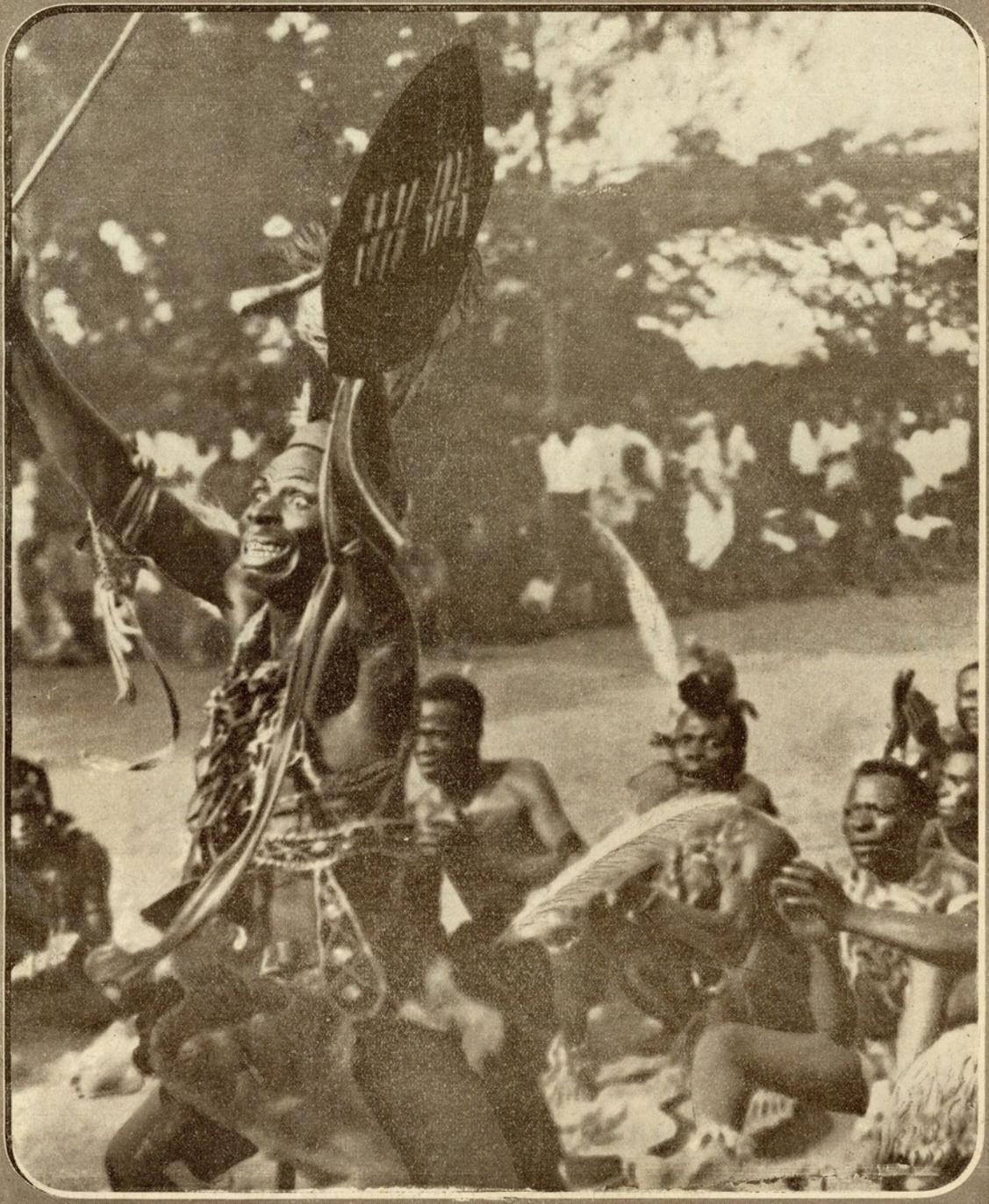
Ano I N.º 1
Número avulso, 5$00

LOURENÇO MARQUES
1 de Abril de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica · Director — SOBRAL DE CAMPOS · Sede — Praça 7 de Março

Um aspecto dum batuque em Magude por ocasião da visita dos jornalistas estrangeiros

2 palavras no lugar da crónica da quinzena

Não se tem poupado o «Notícias» no dispêndio de esforços para bem cumprir a sua missão.

A tentativa que hoje realiza, lançando a publico «O Ilustrado», é mais uma prova — e bem evidente — da sua preocupação em bem servir o publico e do pleno reconhecimento de que, dentro da sua missão, havia uma lacuna a preencher.

A Provincia de Moçambique, nos seus vários centros de população europeia, e em especial em Lourenço Marques, atingiu já um grau de cultura que lhe não permite estar desintegrada das várias manifestações espirituais e alheia ao que se passe de interessante nestes territórios, em Portugal e pelo mundo inteiro. Acompanhar êsse grande filme, tão cheio de imprevisto, de surpreendentes factos e acontecimentos, representa já hoje uma necessidade, se não para todos, para quási todos. E não há nada tão impressionante, tão elucidativo — e até por vezes tão educativo — como a estampa, a imagem gráfica do facto (ligeiramente anotada por meia duzia de palavras) apanhada de flagrante, fresca de emoção, como um resumo palpitante da vida.

Daí... a capital importancia e o grande desenvolvimento que êste género de publicações tem atingido, nestes ultimos tempos, em todos os países cultos.

«O Ilustrado» será, pois, especialmente, uma revista gráfica, uma ilustração, um documentário — tão completo quanto possível — do meio em que vivemos e do que vai pelo mundo.

Mas não será só isso. Embora com um mais vasto lugar destinado á gravura, «O Ilustrado» ocupará algumas das suas páginas com artigos de crítica, crónicas internacionais, pequeninos contos, de fácil e agradável leitura, que firam fundo uma nota emotiva ou humoristica, versos, assuntos femininos, a vida desportiva, do cinema, artística, literária e cientifica, curiosas reportagens, notas mundanas, etc.

«O Ilustrado» pretende e procurará ser uma revista moderna, tanto na escolha dos assuntos a tratar como na sua disposição gráfica.

Apolítica, alheia a quaisquer crenças ou seitas, fora de quaisquer escolas filosóficas e sociais, a nossa revista gravará e arquivará nas suas páginas as notas mais diversas e opostas sem qualquer outra preocupação; e procurará conseguir o maior numero de leitores e de simpatisantes dos dois sexos, tentando dar aos seus artigos, crónicas, etc., uma forma leve, de fácil infiltração e agrado.

A criança não será esquecida, tanto sob o aspecto da diversão como sob o ponto de vista educativo e instrutivo.

No lugar destas palavras publicará «O Ilustrado», em todos os seus numeros, a «Cronica da quinzena», onde se focarão alguns dos factos e acontecimentos mais interessantes do meio local, de Portugal e do Estrangeiro, sôbre os mais diversos assuntos que a todos poderão interessar.

Caricaturas — género artístico tão apreciado — animarão, com os seus traços impressionantes, uma das nossas páginas, num vivo comentário.

Construtivo por vezes, fazendo viver, fazendo pensar, fazendo rir, «O Ilustrado» procurará ser uma revista que possa ser lida e folheada com prazer, na vossa casa como na praia, nas horas vagas do trabalho e das preocupações habituais e que coleccionareis com carinho nas vossas salinhas e nos vossos escritórios.

Esta revista não é uma aventura. Será, possivelmente, uma arrojada iniciativa. Mas — maduramente pensada e organizada há muito tempo, rodeada de todas as possíveis garantias, alicerçada na persistência de que o «Notícias» tem dado sobejas provas — deve merecer a todos uma absoluta confiança. E o espinhoso caminho que teremos que percorrer para dar uma honesta realização a êste empreendimento e o irmos melhorando gradualmente, ser-nos-á suavisado pelo carinhoso acolhimento de todos aqueles para quem «O Ilustrado» veio a publico.

* * *

Porque, com a demora, perderiam a oportunidade, não queremos deixar de fazer referência, já neste numero, a dois factos locais que merecem especial menção.

O primeiro foi a abertura solene do ano lectivo corrente, no Liceu 5 de Outubro, acto que foi revestido de muito brilho pela interessantissima oração de sapiência feita pelo professor, sr. dr. Humberto de Avelar. O ilustre conferente, que foi escutado com o máximo interesse por toda a assistencia — onde, alem do corpo docente e dos alunos, se encontravam bastantes senhoras — deu-nos uma excelente lição sobre a historia do nosso ensino, salpicada, aqui e alem, de citações muito curiosas, e terminando o seu trabalho por salientar a extraordinária importancia que as letras têm na formação espiritual da mocidade, habituando-a a uma notavel ginástica intelectual e a obter uma noção mais exacta e mais vasta da vida.

Alem do sr. dr. Humberto de Avelar, falaram tambem o sr. dr. Eurico Cabral, que tem vindo a exercer o espinhoso cargo de Reitor daquele estabelecimento de ensino, e o sr. dr. Carlos Lopes Moreira, Director dos Serviços de Instrução Publica, que presidiu á sessão e procedeu, no final, á distribuição dos prémios e diplomas aos alunos que se distinguiram no ano transacto.

O outro facto foi a exposição de artes aplicadas, realizada, no salão do Rialto, pela Escola Vasco da Gama, o que noutro lugar documentamos com duas gravuras.

A exposição, que foi aberta e encerrada pelo sr. Director dos Serviços de Instrução Publica, constituiu, para o nosso meio, um acontecimento interessante, tendo sido muito visitada por pessoas de todas as categorias sociais e especialmente por senhoras.

Aproveitando o ensejo para dirigirmos os nossos cumprimentos a Madame Pinho, directora da referida Escola, e ao sr. J. Nascimento, professor de desenho e pintura, pelo já acentuado valor dos trabalhos apresentados pelos seus alunos, não queremos deixar de manifestar o nosso regosijo por em Lourenço Marques já se estar criando e desenvolvendo, assim, o gosto artistico.

De esperar é que no proximo ano a mesma Escola faça uma identica exposição que afirme os progressos do aproveitamento e da individualidade dos expositores, entre os quais se revelaram algumas verdadeiras vocações.

S. C.

O Vulto da Quinzena

Um sonho desfeito...

(Caricatura de Santana)

Bem-me-queres...

Da faiança dum «cachepot» de metal, gravado de paisagens orientais, debruçavam-se das hastes uma molhada de malmequeres muito frescos, muito alegres, muito brancos, tão brancos como a pureza das almas sãs, tão brancos como a alvura calma da ingenuidade leve, tão brancos como os sonhos inocentes das mocidades castas.

Eram lindos os malmequeres pelo sorriso que se respirava da sua aberta claridade!

Junto da faiança, uma mocidade tão suave como a côr dos malmequeres — quási loura — de cabelo muito ondeado toucando-lhe com mimo a cabecinha airosa, principiava a desfolhar as pétalas duma das flores pequeninas, desfolhando-as com as suas mãos muito brancas, quási tão brancas como a flôr, tão leves como uma asa em um ninho, tão perfumadas como um beijo, tão mimosas como um sorriso, quando a figura dum homem lhe apareceu perto, e, sorrindo á figurita môça e quási loura, disse:

— Por quem desfolhas o malmequer?

— Por ti, respondeu Ela, num ruborzinho delicado e leve, ao ver fixos, amorosamente, nos seus olhos, uns olhos de homem que há muito já se haviam costumado a olhá-la.

— Por mim, para quê?

— Queria saber se me queres bem...

— Tolinha! Desfolhar um malmequer, matar-lhe a vida, quando tu sabes tão bem que ninguém mais do que eu «bem te quere»! A tua inteligencia descobriu-o há muito, e a tua inteligencia não pode atraiçoar-te. E, sabendo-o, vais confiar á inconstancia das folhitas brancas duma flôr uma pregunta a que os meus olhos te respondem, em todos os instantes que olham para os teus! Sabes bem o que tu és para mim, mas queres talvez que a minha bôca to diga. Tu bem o sabes, bem o adivinhaste, és para a minha vida como o sol é para uma seara, como o luar é para uma eira, como a fonte de água fresca é para o caminheiro da charneca escaldante. Tu és a esperança das minhas fantasias, a côr das minhas ilusões, a fé das minhas crenças, a sombra amiga da árvore do meu verão, a lareira carinhosa do meu inverno. Sabes que me ilumino pelo lume dos teus olhos, que guio os meus passos pelo traço recortado da tua figurinha. Sabes que só trago nos ouvidos a tua voz pequenina, porque me costumei á sua suavidade cantante como o murmurar dum ribeirinho que passa! Tolinha!... Desfolhar um malmequer, para quê?... Se eu só sei «Bem te querer!...»

E, Ela, colorida pela graça da sua mocidade vibrante, com a alegria iluminada do seu sorriso môço, olhando demorada os olhos dêle, deitou fora o malmequer, que já lhe era indiferente. Demorados fitaram-se os dois serenamente. Depois, Ele, com muito amor, preguntou-lhe:

Exposição de arte aplicada da Escola Vasco da Gama—*Grupo tirado no acto do encerramento, vendo-se ao centro o Sr. Director da Instrução, Dr. Lopes Moreira*

— E tu, queres-me bem?

Ela, então, risonha e feliz, respondeu:

— Pregunta aos malmequeres...

— Preguntarei!

Mas, quando ia a tirar do «cachepot» um malmequer, Ela deteve-lhe a mão.

— Eu escolho. Sou eu quem to vou dar. E tomando da molhada alegre três flores, olhou-as, fixou-as, dando-as depois a Ele para escolher uma.

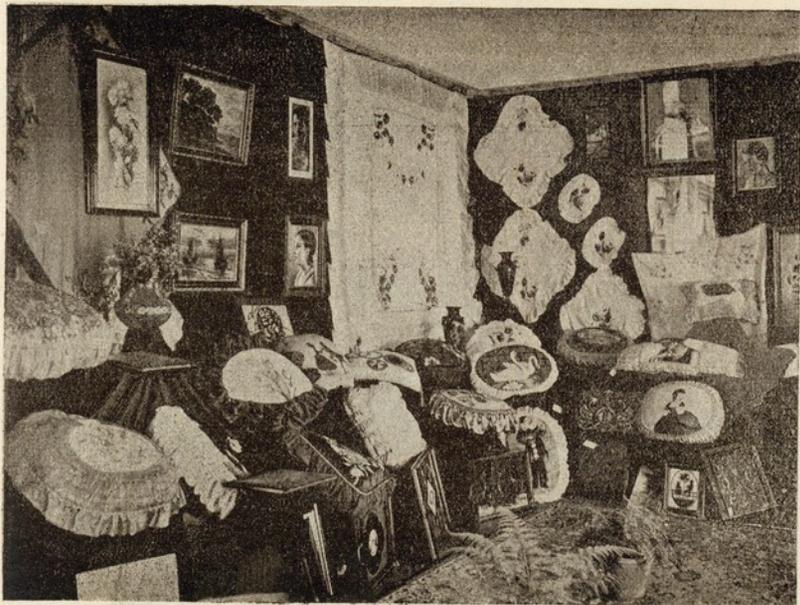
— Desfolha uma destas.

Ele, tirou um malmequer e principiou, pétala a pétala, arrancando as folhitas dessa flôr, que os namorados crédulos buscam para saber se no livro do coração lhes escreveram felicidade ou desventura, e as fôlhas foram dizendo: «Malmequer, muito, pouco»... e a ultima «Bem me quere».

— Então, gostas de mim?

— O malmequer foi quem to disse, respondeu Ela, garotinha e mimalha.

— Foi! Mas fui eu confiar a resposta da tua afeição por mim á tagarelice inconsciente destas folhinhas brancas!... Um acaso?... Supõe que elas tinham respondido: «Pouco» ou «Nada»... É porque não me querias bem, não era assim?

— Tolinho! Todos os malmequeres que te dei respondiam «Bem me quere»... Eu já lhe tinha contado as fôlhas!

Fernando Baldaque.

Exposição de arte aplicada da Escola Vasco da Gama — *Um aspecto dos trabalhos expostos*

O cincoentenário de GAMBETTA

Extraio de um artigo estampado no ultimo numero da «Revue de France» e subscrito pelo sr. Roberto Dreyfus, esta breve nota, de uma secura literária sahariana: «Em Cahors, na velha rua do Liceu, que se chama hoje rua do Presidente Wilson, pode ver-se a casa tranquila, ornada de uma balaustrada de pedra, onde, na tarde de 2 de Abril de 1838, nasceu José Nicolau Gambetta, filho de José Nicolau Gambetta, negociante, de vinte e quatro anos de idade, e de Maria Madalena Orazie Massabie, sua esposa, de vinte e três anos de idade, filha de um farmacêutico da região de Mautauban. Tambem se pode ver, na Praça da Catedral, a velha loja, que ostenta ainda na taboleta as palavras «Bazar Genovês», onde o joven pai do tribuno instalou nessa época o seu estabelecimento de mercearia».

A redacção das primeiras linhas dêste esboço biográfico possue vestigios iniludiveis de estilo de tabelião. As derradeiras linhas parecem inspiradas pela lenga-lenga prosódica dos manuais de propaganda turistica e pelo palavreado fonográfico dos cicerones que todos nós, mais ou menos, temos ouvido ao longo das galerias dos museus e das naves das igrejas monumentais. Mas, como contrapêso destes senões, o desgracioso documento presta-nos serviço de valia: informa-nos da origem modesta do mais eloquente, do mais electrizador de todos os grandes tribunos patriotas que têm glorificado a França republicana. No proprio joio mal crivado, é possivel encontrar ás vezes um grão de trigo — um grão de trigo que pode ser o germe de uma bela e fecunda seara doirada...

Gambetta! Escrever este nome é invocar um dos mais agitados, mais trágicos e mais belos periodos da história de França. Que longo «film» de acontecimentos caudalosos e vibrantes! Que intensidade de acção! Que choques de ideologias! Que desfile de homens insignes — Arago, Lamartine, Louis Blanc, Ledru-Rollin, Thiers, Gambetta, Proudhon, Grévy, tantos, tantos outros! Que desejo, desejo irreprimivel, de engrandecer a Nação, de abolir todos os privilegios, de dignificar o povo, de favorecer a inteligencia, de cimentar a Democracia, de consagrar a Liberdade! Gambetta! 1848-1870. Motins populares contra Guizot. Abdicação de Luiz Filipe. Triunfo inesperado da Revolução. Constituição do governo provisorio. Luta acesa entre os dois partidos predominantes — o «Nacional» e o da «Reforma». Quem ganhará a contenda? O primeiro, que deseja apenas uma Republica democrática, a mera instituição da soberania do povo por meio do sufrágio universal? Ou o segundo, mais ambicioso, que pretende fazer uma revolução social para melhorar a situação dos operários, que exige que a Republica se denomine «democratica e social»? Que bandeira será afinal desfraldada no palácio do Parlamento? A tricolor ou a vermelha? 1848-1870. Quantas reminiscencias... Assembleia constituinte. Insurreição geral em Paris, preparada pelos clubes socialistas, sufocada pela Guarda Nacional. Voto da Constituição: «A Republica Francesa é democratica... Ela tem por principios: Liberdade, Igualdade, Fraternidade; por bases: a familia, a propriedade, a ordem publica». Triunfo do partido democratico conservador. Eleição de Luiz Napoleão. Governo dos partidos monarquicos. Estabelecimento do poder pessoal, por meio do golpe de Estado de 1851. Suspensão da vida politica da França. Napoleão III. Contradança de regimes. Império autoritário... Império pseudo-liberal... Guerra franco-prussiana. Capitulação de Sédan. Proclamação da terceira Republica. Cêrco de Paris. Assemblea Nacional. Comuna. Guerra civil. 6500 fusilamentos... 7500 deportações... 13000 condenações... Tratado de Francfort. Perda da Alsacia-Lorena. Que espantosa série de lutas politicas, de traições, de abusos de poder, de heroismos, de revoltas populares, de catastrofes! E que tremenda e longa batalha entre o idealismo apaixonado do escol revolucionário e o egoismo sordido dos mercenários da autocracia!

Gambetta alistara-se no partido republicano em pleno estertor do Império, estertor demorado durante o qual o enraivecido moribundo afrontara tanto quanto pudera e deixara exangue a deusa Liberdade... A sua alma de plebeu — plebeu ardente pelo sangue italiano que lhe circulava nas veias — não se podia conformar com o ambiente de tirania que se respirava então em terras de França. A sua eloquência torrencial e dominadora, a sua energia inquebrantavel e comunicativa, a sua fé nas qualidades impolutas e desaproveitadas do povo, espreitavam, anciosas, o momento propicio para a sua expansão veemente, empolgante. E esse momento foi o do processo intentado contra os contribuintes da subscrição em honra do intrépido Baudin, representante do povo, morto em 1851, pelos seus ideais, sôbre os destroços de uma barricada. Tinha então Gambetta trinta anos. Era uma das mais ignoradas figuras do foro. Ninguem pressentira ainda a grandeza do seu talento independente, a espontaneidade e a rutilação deslumbrante da sua palavra. Mas bastou o discurso arrebatador que êle pronunciou durante os debates dessa causa sensacional, o libelo audacioso, implacável, que êle proferiu contra os autores do golpe de Estado, contra os apologistas do regime autoritário, para lhe dar de repente e com justiça a celebridade. Desde esse dia, Gambetta foi o ídolo do povo de Paris. É nomeado deputado no ano seguinte, foi tambem, por direito de conquista exercido pela sua inteligência soberana, o animador, o propulsor supremo da oposição parlamentar e a faulha incendiária que, no momento preciso, fez explodir a revolução derrubadora do Império. A sua actividade politica ulterior merece que se lhe chame—estupenda. Assombrosa se mostrou tambem a influencia da sua eloquencia persuasiva, afogueada pelo amôr da Pátria e pelo culto da Democracia. Foi êle quem salvou, em 70, a honra da França. Foi êle o verdadeiro fundador da terceira Republica. E pena tenho eu de não saber resumir numa breve crónica, nesta desordenada crónica tão pobre de estilo, a epopeia civica e as façanhas tribunicias de tão grande homem!

Há cinquenta anos que êle morreu. Na madrugada de 1 de Janeiro de 1883. Ao despontar o novo ano. Quando em quási todos os lares, em obediencia á tradição, se trocavam beijos e abraços e votos de felicidade. Á hora em que Clara Gambetta, sua parenta, se estreava escandalosamente, para o deprimir, sôbre o tablado de um café-concerto. Vitima de uma apendicite, mal que perdôa tantas vezes. Sem a grandeza que seria digna dele e que o destino não lhe quiz dar. Como qualquer homem... Ele, que era olhado e venerado pelo povo como super-homem! Como poderia êsse povo acreditar que o seu idolo, que o titan seu interprete, se extinguíra assim, sem lhe fazer ouvir a sua voz divina, sem esgrimir epicamente com a morte, sem ser nas barricadas, longe da tribuna, fora do seu altar, separado da multidão dos seus fieis? Mais criveis eram as versões dramáticas de assassinato, de envenenamento, de suicidio... E as

(Continua na página 7)

TAXI girls

Uma «praça» de «Taxi girls» num cabaré de Paris — Tarifa: 2$00 por corrida

A «taxi-girl» é a réplica feminina ao «gigolo». Nossa Senhora do Livramento para os cavalheiros desconhecidos, estranhos ou timoratos, naufragados em aborrecido isolamento nos recantos dum salão de «dancing»... Desforra dos «não danço» das disfarçadas. do «estou comprometida» das preciosas; recurso compensador ás esquivas do amigo que não nos apresenta; prémio de consolação pela vigilancia iniludivel das mamãs rabugentas... Martir, também, sacrificada em holocausto a Terpsicore pelos dançarinos pé-de-chumbo que pisam, tropeçam e se bamboleiam desajeitadamente fora de compasso...

A «taxi-girl» ficará como um símbolo da vida actual — ligeira, rodopiante, futil, efémera... Sob estas aparencias, quantos dramas se não disfarçam, quantas tragédias se não maquilham — como na vida de todos nós, como na vida das «girls» que não são «taxis», das «girls» que dançam sem conta nem medida?

Mas não importa! As «pannes» remedeiam-se — e o «taxi» roda, roda sempre, solícito, apressado, amavel, serviçal...

O que é a «taxi-girl»? Um veículo gentil que se toma para uma «corrida»... O passageiro paga a tarifa, embarca, transporta-se ao longo dum tango, dum fox ou duma valsa — e apeia-se...

É simples, pois não é? E só aqueles que conhecem a profunda solidão, a amargura do cavalheiro sem par numa sala em que todo o mundo dança, compreendem tudo quanto há de gentil, de generoso, na «girl» desenvolta e risonha que se deixa enlear nos nossos braços, baloiçar ao ritmo langoroso ou entorvelinhar no ciclone dum fox...

Paga-se, é verdade! Mas o que é que neste mundo não se paga?...

O homem deserdado da fortuna que não possua uma «limousine» de luxo, amante cara; o celibatário desprovido de «conduíte interieur»; o pacato que nada quere com os ligeiros «torpedos» de desporto; o prudente que se guarda das surpresas dum «roadster» de turismo — têm no «taxi» o transporte ideal, de carroceria elegante, bem lançada em linhas modernas, motor robusto, bem lubrificado, válvulas limpas e roda livre... E ainda com dispensa de homem que dê á manivela — o apresentador!

Por isso a «taxi-girl», inovação amavel dum cabaré parisiense, vai conquistando rapidamente as pistas dos «dancings» de todos os continentes.

Chegou já á Africa... O leitor pode encontrá-las em Joanesburgo, tarifadas a «six pence».

O passageiro compra o bilhete, levanta o dedo, chama: Taxi! — e entra na dança!...

O cincoentenario de Gambetta

(Continuação da pagina 6)

versões correram, encorparam-se, levaram ao paroxismo da dôr e da revolta a alma apaixonada da plebe de Paris. Só a publicação oficial dos resultados da autopsia e, no dia 6 de Janeiro, o espectáculo majestático, inenarravel, dos funerais nacionais, tiveram o condão de a pacificar, de a fazer aceitar a verdade irremediavel e de lhe dar, por fim, o desafôgo da emoção plena, o refrigerio humanissimo das lágrimas e dos soluços... Sucedeu isto em 1883. Há cinquenta anos. Na madrugada de 1 de Janeiro. E os «snobs» franceses da politica, da literatura e do jornalismo resolveram celebrar a data. Com prosopopeia. Com artigos necrológicos. Com anedotas de almanaque. Revolvendo a vida intima de Gambetta. Trazendo á lembrança de toda a gente os seus amores, a sua obesidade, a deselegancia do seu vestuário, o seu ôlho de vidro... Parvamente. De maneira miseravel.

Porque não o deixaram êles em paz no Panteão do esquecimento?

Victor Falcão.

Poveiros! Lobos do Mar! Almas nascidas para a luta com o turbilhão impetuoso das vagas imensas desses oceanos alem, dessas vagas que arrebatam vidas e destroem impiamente lares onde o pão que se come em cada dia é bem a recompensa duma luta titanica com esse gigante de olhos de rubra chama e boca disforme que é o mar, que para proporcionar esse pão não se sacia de recolher nas suas garras, para sempre, a vida dos homens que procuram nos seus dominios o prazer para aqueles que, ignorando o trabalho insano e arrojado do pescador, se banqueteiam com essa maravilha que o mar, espumante e enraivecido pelo roubo, nos dá: o peixe.

Uma viagem ao mar na companhia dum grupo desses homens que o amôr pátrio, a fé e a adoração pela terra-mãi, manifestados há anos em terras outrora desbravadas dos escalrachos selvaticos pelos nossos maiores, atirou, depois de morta a saudade da sua querida Povoa do Varzim, para Lourenço Marques, impunha-se como grande motivo para uma reportagem para o «Ilustrado».

* * *

A «Flor do Mar» chegara de manhã cedo á doca de abrigo de volta da pescaria e dentro em pouco a companha trabalhava afanosamente no transporte do peixe, da embarcação para o Mercado Municipal.

A «Flor do Mar» é uma das maiores se não a maior das embarcações dos poveiros que labutam em Lourenço Marques, e portanto devia ser nela que a nossa viagem se devia efectuar, tanto mais que as informações da sua boa estabilidade — o que mais nos preocupava — eram convidativas a acompanhá-la na sua próxima ida ao mar.

Colhidas as devidas autorizações inquirimos da hora da partida.

«Amanhã ás duas da madrugada», respondeu alguem da companha na «agência» da navegação poveira, nome por que é conhecido o estabelecimento do Horácio Pericão, de onde se abastecem todos os pescadores da Povoa.

Cerca das 24 horas da vespera da partida dirigimo-nos á «agencia», sem preocupações de quaisquer abastecimentos e munidos apenas da roupa de oleado que nos devia defender da chuva e das ondas, que na melhor das espectativas seria o menos que podiamos apanhar.

Aguardava-nos ali o tio Luiz, um componente da companha da «Flor do Mar», que, cheio de atenções, nos conduz a bordo, dizendo-nos pelo caminho que iriamos estranhar muito os comodos e a comida porque eram bem diferentes dos de terra. Mas como não iamos obrigados... quem se sujeita a amar, sujeita-se a padecer.

A cidade, depois da corrida vertiginosa dos automoveis que aguardavam a saída do cinema, mergulhara naquele silencio costumado que a torna a mais pacata das capitais africanas.

A bordo da «Flor do Mar», que se encontrava atracada ás escadas proximas da rampa da doca de abrigo, não se ouvia o mais leve sussurro a cortar o silencio que reinava. A companha dormia embalada naquele berço

que muitas vezes pela vida fora lhes serve de tumba.

O tio Luiz, solicito, numa voz que mal nos chega aos ouvidos, convida-nos a baixarmos ao seu reduzido beliche para dormirmos, pelo menos até á hora da largada. Não conheciamos a planta do barco e tomamos aquele cubiculo por uma gaiola de grilo, e, por isso, resolvemos permanecer no convés, onde dormia a tripulação.

Um despertador, lá na ré, retine a certá altura durante alguns segundos e momentos depois ergue-se do mesmo lado uma figura baixa, cheia, que pregunta se falta alguem a bordo. É o arrais, o mestre José Penteeiros, tipo baixo, atarracado, cinquenta anos de vida e quási quarenta de pescador, que vai em seguida tomar o seu lugar ao leme e dali dá as suas ordens.

O luar espelhava-se sôbre as águas serenas da doca, que refletiam em silhuetas as figuras e o trabalho da gente de bordo.

Não estavamos relacionados ainda, mas a apresentação estava feita desde a nossa entrada a bordo, pois ali é tudo conhecido: Um punhado de irmãos que o destino uniu.

* * *

Ás duas horas da manhã, hora marcada, a «Flor do Mar» inicia a sua viagem, de pano todo aberto, singrando baía fora, através da mansidão das águas do Espirito Santo. A companha volta aos seus lugares para descançar, e apenas o arrais, como um piloto, de carta na sua frente, vai conduzindo a pequena embarcação, que já leva bom vento a favor.

Ao alvorecer, o ti Luiz e o ti Samuel tratam do café para toda aquela gente. Começa-

-nos a ficar para traz o farol de Cockburn para nos aproximarmos da Inhaca, contornada a grande distancia.

Já mar fora, com destino á costa do Chai-Chai, o mestre Penteeiros manda os da prôa pôr a vela nos três rizes porque o

vento começa a soprar mais rijo e o ceu anuncia borrasca lá para norte. A «Flor do Mar» entra em plena agitação das ondas no recesso do mar cavado ou no pino das ondas altas, franjadas de alva espuma.

Começamos a sentir-nos deslocados e a ver a cada momento que passa a lancha desaparecer naquele deserto imenso.

Não resistimos mais tempo ao enjôo, e a viagem, que até ali nos havia parecido qualquer coisa de belo, tornou-se num sacrificio, que julgamos ser o ultimo da nossa vida.

Aproximou-se a hora do almoço, que constava de carne por ser a primeira refeição naquela viagem, confeccionada a bordo. Os da companha incutem-nos coragem, chamam-nos á realidade daquela vida e procuram, numa solicitude que jamais esqueceremos, dar-nos alento. Mas a inacção era cada vez maior e voltar para traz — o nosso maior desejo naqueles momentos — era impossivel.

O peito encostado á amurada da embarcação e a cabeça pendida para o mar foi a melhor posição que encontrámos para algumas horas de navegação.

A borrasca desencadeou-se depressa, e toda aquela gente, como desafiando a furia dos elementos, envergou as suas roupas de oleado e mareou a vela, emquanto nós, prostrados no convés, deixavamos que as ondas nos banhassem e a chuva nos limpasse o salitre produzido por aquelas.

— Já entramos em «calmeira» — diz lá da ré o arrais. — vá de marear o pano e vamos ao almoço.

Dentro em pouco toda a tripulação, com um respeito e uma disciplina modelares, aguardava nos seus lugares a distribuição do almoço. O dispenseiro fornece o meio pão da ração a cada homem, o encarregado do vinho distribui uma garrafa a cada e o rancheiro, que recebeu do cozinheiro a enorme panela com a comida, distribui em travessas de esmalte a alimentação para três homens.

O arrais dá o exemplo e o resto da companha segue-o; é vê-la agora a refazer-se da já longa jornada sôbre o mar.

Os garfos são os que Deus lhes deu — os dedos — e o caldo é absorvido por pedaços de pão.

Terminou a refeição e um dos da companha, que está encarregado durante um mês da lavagem das travessas, lava-as e em seguida entrega-as ao dispenseiro.

O bom tempo voltou e nós, até pouco antes indiferentes a tudo, a pontos de julgarmos que nos haviamos submetido voluntariamente a uma completa abstinencia, sentimos a coragem a alentar-nos para o resto da viagem.

O almoço havia ido de terra, o jantar dá-lo-ia o mar.

Dormida uma hora de sesta, o arrais, sacando do seu beliche uma caixa, distribui pela companha outras pequenas caixas com anzois e algumas braças de fio de pesca, que é cortado em pequenos pedaços de dez centimetros.

Vão-se preparar as «estralheiras», colocar um anzol em cada extremidade do pedaço de fio, para depois as ligar ás «pragueiras», pedaço de linha de meio metro, pouco mais, a que são ligadas oito a dez «estralheiras» que ficam armadas com dezasseis a vinte anzois.

Já a meia tarde aparece-nos á vista a barra do Limpopo, e uma hora depois avista-se a praia Sepulveda, com as suas barracas de banho, sobre um fundo de costa montanhosa.

— Antigamente era nestas alturas que faziamos a pescaria, — diz o arrais — mas actualmente precisamos de andar bastantes milhas mais para a fazer.

E a «Flor do Mar», com vento de pôpa, segue qual pena leve que a brisa faz deslisar pela costa além até ás alturas de Zavala.

O sol começa a despedir-se rapidamente desse dia, deixando atraz de si linguas de fogo, que pouco a pouco se vão apagando nas águas do mar.

Começa a faina para a pescaria; o «ti Luiz», lá na prôa, começa a sondar. A sonda

(Continua na pagina 14)

Crepúsculo

Uma varanda como há tantas em Lourenço Marques. Cadeiras de verga, vasos com flores. Seis horas. O sol afoga-se lá ao longe num oceano de sangue. Alguns, poucos passaros, pipilam tristemente. Vão em largos vôos buscando o ninho. É aquela hora de suave torpor, nostálgica e evocativa, que põe um dolorido anceio em todas as almas e um maior fulgor nos olhos das raparigas.

Maria Augusta e Jorge de Sequeira há muito que conversam. Das pessoas conhecidas, de cinema, de frivolidades... São amigos velhos. Falam baixo, mansamente, como se receassem ser ouvidos ou não quizessem quebrar o encanto daquela hora. Na voz dêle, apaixonada e quente, há o que quer que seja de letárgico e de embalador que se harmoniza com o entardecer, com o crepusculo, com o arfar da natureza exausta. Na dela, melodiosa e fresca, espreitam todas as curiosidades, vibram e palpitam todas as exuberancias, todos os entusiasmos duma vida em flor. Lá dentro ouve-se a dona da casa dando ordens.

ELA — (Num grande ar de convicção, emquanto o muleque, silencioso, retira as chávenas do chá e o fumo do cigarro dele sobe no ar em espirais) — Pois eu não entendo assim as coisas. Não compreendo nem desculpo a estranha atitude do Julio de Morais para com aquela excelente rapariga. Quando um homem gosta de uma mulher deve-se-lhe consagrar inteiramente, absorventemente.

ELE — Há circunstancias, porém...

ELA — Não aceito deslizes nem equivocos de natureza alguma. Sou extremista nas minhas afeições.

ELE — O amor tem de ser tolerante...

ELA — O amor quando é amor não conhece meios termos. Se um dia gostar dum rapaz (olha-o com imensa ternura) não terei pensamento que não seja para êle, predilecções e gostos que não sejam os seus. Hei-de querer-lhe, hei-de amá-lo duma maneira exclusivista, absoluta. Ah! mas hei-de exigir-lhe também identica fidelidade, identica devoção. Nada de traições, nada de inconstancias.

ELE — A pequena cena de ciumes é o sal da vida conjugal...

ELA — Não percebo como há certas mulheres que amando um homem toleram que ele gaste tempo com outras. Dir-se-ia que o seu amor é feito de pusilanimidades e que não tendo fôrça para prender se deixam subjugar aos poucos. Não, não transigirei com fraquezas, nunca suportarei esses abomináveis «flirts» que são a ridicula caricatura do amor.

ELE (que sorriu indulgente emquanto ela falou) — Oiça, Maria Augusta. Você é ainda muito nova para compreender os grandes mistérios do coràção.

Há almas grandes, simples e imaculadas como a sua e almas que o não são. As primeiras alimentam-se da própria pureza, ardem de puro idealismo e por isso vivem muito alto, muito acima das regiões em que pairam as outras, as vulgares (baixa mais a voz) como a minha. Para estas tem sempre de haver uma certa tolerancia, uma certa generosidade. Não as tocou essa graça bemdita que espiritualiza, que transfigura, que as aproxima de Deus. São assim porque não podem ser melhores.

ELA — (Num gesto de duvida) — Deus está sempre com os que verdadeiramente amam...

ELE (Sem atentar na interrrupção) — O amor que Você ambiciona, esse amor tecido assim de renuncias, esmaltado de dedicações magnificas, é um amor sublime, é quási um amor de santo. E os santos (sorri) são hoje cada vez mais raros... (Mudando de tom) De resto, minha amiga, inconstancia não quere dizer fatalmente infidelidade.

ELA — Paradoxo?

ELE — Não. Apenas o resultado de alguma experiencia. Não tenha duvidas. Pode um homem tomar-se de algum desses devaneios que tamanha indignação lhe causam, pode mesmo cometer alguma dessas imprudencias a que o mundo exageradamente chama loucuras, sem que com isso perigue o amor que ele tenha a uma mulher. Pelo contraste, por um ou outro mau trato recebido naquelas, pode até ser que este resulte mais forte. Olhe, Maria Augusta, muitas vezes, quási sempre, cortejando outra mulher, é um pormenor qualquer da mulher amada que nela se admira: a graça do sorriso ou duma atitude, certo jeito das mãos, determinada maneira de olhar... Afinal na sua essencia e por muito paradoxal que isto pareça, a inconstancia é ainda, as mais das vezes, uma homenagem ao verdadeiro amor. É tal qual o satélite que acompanha o astro e que apenas serve para lhe realçar a grandeza.

ELA (Pouco ou nada convencida, num leve tom de censura e com um sorriso triste que se esforça por adoçar) — Desculpas. Desculpas fantasiosas de quem anda carregadinho de pecados.

ELE — Não são desculpas nem fantasias. Julgo-me capaz de amar muito uma mulher, mas sinto que não poderei esquecer todas as outras. (As mãos dela crispam-se instintivamente nos braços da cadeira. Olha-o com angustia, bebe-lhe as palavras). Sinceramente o confesso. Por mais que me esforce, não consigo permanecer indiferente ás lindas mulheres que passam á minha volta, como flores embriagantes dum jardim de magia que Deus manda colher. Jamais lhe poderei explicar a perturbação que elas me causam. São olhos profundos e luminosos em que chispam todas as tentações e espreitam todos os delirios da terra; bocas carnudas e vermelhas em que o pecado canta alegremente; colos brancos ou morenos como altares de paixão onde o nosso desejo ajoelha; vozes cristalinas ou apaixonadas a ecoarem-nos nos ouvidos como canticos divinos; cinturas delgadas e esguias que vergam como juncos á brisa da manhã; cabelos negros de azeviche ou loiros como os trigais a tecerem doida teia de quimeras; braços coleantes a tilintar pulseiras em que apetece sacrificar, num desvario... Impossivel, Maria Augusta, ficar preso a uma só mulher para todo o sempre. Impossivel ignorar e desprezar todo esse harmonioso poema da forma, toda essa maravilhosa sinfonia da carne que no nosso espirito, como nos nossos sentidos, actua alucinadamente...

Com dolorosa surpreza ao principio, Maria Augusta escuta-o agora anelante. Ouve-o ainda, mas já o não pode ver, porque entre ambos se interpuzeram duas lágrimas, grossas como punhos, pesadas como ilusões desfeitas. São duas lágrimas maravilhosamente belas que há minutos lhe andavam a bailar nos olhos, que deles se desprendem como duas pérolas e se vão perder envergonhadas no colo virgem. Duas lágrimas purissimas que Ele, por sorte, não pôde ver...

Deixou de se ouvir o chilrear dos passarinhos. Fechou-se mais o crepusculo... É noite já.

(Ilustração de Vilela)

Xavier Valente.

— Não furtarás!

O homem estacou de chofre, colado ao muro, hirto de pavor. Esteve quási a gritar, mas o terror saltou-lhe á guela, apertou-lha, jugulou-a, e o grito crispado deformou-lhe a boca num esgare de loucura, desfez-se em espasmo num tremor convulso dos beiços... Ficou-se imovel, rígido, pupila fixa, olhos vitreos de alucinado pasmo. Tudo nele se inteiriçou, corpo e alma — a vida toda, numa pausa abismada de agonia, hiato de medonho assombro...

Foi um instante. Logo depois o sangue lhe refluiu em jacto ao coração, num álerta vibrante do instinto de defesa. Olhou á roda, prescrutando a treva, já em guarda e pronto ao ataque. No silêncio imperturbado da noite, sem lobrigar aparencia de viva-alma, pouco a pouco lhe foi voltando o animo. Arriscou alguns passos no córrego pedregoso, alcatifado de caruma, espreitando por de cima do muro. Ninguem — decididamente, ninguém!... Mas donde vinha então aquela voz?...

Refeito um pouco, respirou sôfrego, limpando á mão a testa molhada de suor, e cuspinhou. Não se tomara de vinho — meio quartilho não era nada para um homem... Mas então, aquela voz?...

Deu de ombros e mais senhor de si voltou-se, atingiu a curva do córrego, já no alto, parando ainda a espiar. Ninguem... Nada bulia na sombra e no silencio.

A casa ali estava, na sua frente — sórdido e miseravel pardieiro que mais figurava corte de gado que albergue de gente. Duma janela coava-se, pelas frinchas esbeiçadas, uma luz amarelenta e bruxoleante.

— O raio da velha ainda tem luz — murmurou com despeito. Se calha está a contar as notas, a bruxa!...

— Não furtarás!

Voltou-se num repelão. — Ah! Que se fôsses um homem!... — Mas não. Ninguém!

Bruxaria? Assombramento? — Valente, homem para homem e mais de um que fôsse, ele estava ali. Mas assim, não! Tremiam-lhe as pernas, tinha um zumbido nos ouvidos e o coração ressoava-lhe surdamente na arca do peito. Vinho — repetia para si próprio — vinho não era, que meio quartilho não lhe dava assim volta ao juizo.

Mas donde vinha, então, aquela voz? Soava-lhe distinta, era mesmo como se boca de gente lhe dissesse junto ás orelhas, devagar e acentuando bem, com força: — Não furtarás!

Reagiu. Lérias de assustadiço, era o que era! Do que um homem precisa é de afoiteza!

Olhou a casa. A luz ainda lá estava. Preferiu esperar, á cautela, na crença de que a velha não dormiria ainda. E sentou-se numa pedra, rente mesmo á parede.

Lá em baixo, nas azenhas, uma rã começou a coaxar. Outra respondeu, depois mais outra... Uma brisa suave passou, levando o suspiro gemente das agulhas dos pinheiros e um murmurio flebil de águas rolando sobre seixos.

Taciturno, prêsa duma indefinida apreensão, na vaga turbação dum inexprimido pressentimento, pôs-se a enrolar um cigarro. Pouco a pouco um torpor o invadia, uma lassidão que a algazarra monotona e interminavel das rãs embalava. Descaía numa sonolencia, abandono de fadiga, apatia de desalento, e sem que soubesse porquê começaram a passar-lhe pela cabeça coisas da sua vida...

Moço ainda, já lá iam vinte anos, numa romaria de S. Silvestre tomara-se de rixa com um companheiro, quási irmão, tudo por via duma cachopa que se prestava, delambida e com provocações de novilha em cio, aos requestos de ambos. A disputa crescera, com o vinhito ainda por cima a fervilhar-lhes no sangue. Alarido, pancadaria e homem morto... — Como foi? Sabia-o lá bem!... Sina duma pessoa! Desgraças para que um homem está guardado e não há poder do mundo que o livre!...

Quinze anos. Quinze anos de costa de Africa. O que ele passara, na velha fortaleza de Luanda, Deus livrasse de tanto o seu inimigo! Nem queria lembrar-se...

Subiu-lhe do peito uma onda de tristeza e de amargura, um sentimento confuso de vergonha e de saudade. Ao pai, mal o conhecera. Mas a mãi, que bem ela lhe aparecia agora na lembrança! Honrada e limpa outra não havia, nem trabalhadeira, tanto monta para a lida da casa como para o amanho das leiras. Ouvia-lhe os soluços e os gritos — «Deus Nosso Senhor me leve!» — á saída do tribunal. A pobre!... Que fôra feito dela — e da casita, dos bois, das terras que lhes davam o melhor de três pipas de vinho e quatro carros de milho?...

As rãs coaxavam lá em baixo, nas azenhas, enchendo a noite do seu cantochão. Mas dir-se-ia agora que a algazarra rouca e contínua adquiria ritmo, sincronizava-se, ganhava expressão e sentido... Atentou bem...

— Não furtarás! Não furtarás! Não furtarás!...

Desta vez, não era já o grito de há pouco. Na noite sem luar, noite de lua nova, amaciada pela humidade das primeiras chuvas, mornas ainda, que levantavam do humus um aroma forte e voluptuoso de terra, subia uma lenga-lenga mansa, suave, quási meiga, e a exortação terrivel e imperiosa que o perseguia mudava-se agora em insinuação branda de conselho, e de conselho em implorativo queixume...

— Não furtarás! Não furtarás!...

E a noite como que se repassava da ternura suplice e magoada da barbara melopeia. Das coisas sob a asa imensa da sombra evolava-se um efluvio de piedade, de perdão, de meiguice — duma infinita e transcendente bondade... A noite ensopava-se de alma... Não havia luar, mas a treva perdia opacidade, tornava-se translucida... Era uma destas noites em que dos seres, das proprias coisas brutas se desentranha uma alma, essencia de amor, de generosidade e de clemencia...

O seu espirito tosco, rude, embebia-se do estranho sortilégio da noite. Alguma coisa de

manso e meigo, tambem, florescia no seu coração torvo. Reviu de novo a sua infancia, veio-lhe um sentimento brando, confuso, uma aspiração calma e enternecida que ele nem saberia interpretar ou formular... No seu coração de rustico, nado e criado entre coisas da lavoura, flutuava, como fio de distante harmonia, o anseio da poesia da terra simples e generosa, a bucólica fresca e sádia das veigas, a alegria religiosissima das tardinhas, quando os sinos tangem e os vales se animam dos canticos dos ranchos... E era no seu peito como que a opressão dum soluço contido — nos seus olhos uma neblina de lágrimas que não rolam...

Uma restolhada de galinhas no coberto, sacudiu-o, chamou-o á realidade. O encantamento desfez-se. Quebrou nos dedos o cigarro que não chegara a acender e maquinalmente voltou a olhar a casa. A luz mortiça e vacilante, não se extinguira ainda. Sentia-se acobardado, hesitava, abandonando-se a um temor nem sabia de quê...

— «Dez contos, fora o oiro»... A frase atravessou-lhe de subito o cérebro, iluminando-lhe a memoria como um risco de estrela cadente no negrume...

Nesse dia, ao cair da tarde, entrara numa taberna á beira da estrada.

— Vocemecê dá-me pousada para a noite? preguntou, explicando: — Vou de caminho para a terra, da banda de lá das serras...

O taberneiro olhou-o, num exame:

— Há-de-se amanhar.

Abancou á mesa grossa e tôsca, ennodoada de gordura e vinho, a rilhar um pedaço de broa e chouriço, com meio quartilho de verde a espumar na malga. Da sombra do seu canto puzera-se a dar tento da conversa de outros que ali paravam beberricando.

— Avarenta é o que ela é — dizia um. O Toino do Paul é que duma vez a viu com as notas e teve jeitos de a confessar. Dez contos, fora as arrecadas...

— E não se lhe conhece filho varão nem moça. Para que raio quere a bruxa o dinheiro? — invejou outro.

— Apareceu aí um dia sem ninguem saber donde vinha, que nem alma-penada, com modos de doida...

Mais dito deste e daquele, veio a saber de quem falavam: a velha do Altinho das Azenhas. «Dez contos, hein? E fora o oiro»...

Uma tentação insinuara-se nele — nele que nunca roubara nada a ninguem, assim Deus o salvasse! Mas aquilo ficava a moer, moer... Agarrava-se-lhe á alma, viscosa, babenta, que nem polvo a rocha — e enleava-o, prendia-o, sugava-lhe a vontade...

Sem dar fé do que fazia, foi-se com falas mansas ao taberneiro:

— Afinal, boto-me ao caminho. Tenho ainda dois dias de jornada, a noite vai boa, deito por aí fora...

— Como vocemecê queira. Lá cama arranja-se...

Agradeceu, mas saiu. A noite caíra já e ele meteu direito ás azenhas, subiu o córrego que levava ao Altinho — e agora a casa ali estava, pardieiro miseravel... «Dez contos, fora as arrecadas»...

— Não furtarás!

Outra vez! Estremeceu mas levantou-se com

impeto de alucinado e numa descarga violenta do seu torpor de há pouco, dos efluvios magnéticos da noite serenissima, desencadeou-se-lhe na alma um furor de monstro. Bramiu entre dentes uma praga e numa decisão firme foi escutar á janela. De dentro, não vinha o mais leve rumor. Á certa a velha dormia já, com a luz acesa. — Boa!...

Foi á porta, encostou-se-lhe a tentear a resistencia — mas a porta cedeu logo, sem trinco que a travasse, desengonçada. Pé ante pé, entrou. A velha lá estava, aninhada no catre, coberta de andrajos. Uma candeia ardia, esgarçando uma fumarada que empestava o ambiente, com o cheiro a môfo e imundície. A velha, pelos modos, nem respirava!...

O homem deslizou sem ruido, curvou-se para a arca, levantou-lhe a tampa...

— Eh! Que é que vocemecê procura aí, ladrão?

Virou-se ameaçando: — Ou vocemecê se cala, ou estrafego-a! E ia a avançar mas estacou, chumbado ao chão, atónito.

A velha soerguera-se no leito — e era hedionda, esquelética, encarquilhada, farripas desgrenhadas na cabeça, a boca como um coval, esbeiçada e sem dentes, sórdida, repelente — mas os dois olhos pequenos coruscavam, brilhavam como brazas vivas, fixos, cortantes como fio de lamina...

Era uma aparição fantástica — mas ao cabo de momentos aquela figura de medonha cariátide animou-se, humanizou-se, tocada de emoção... Dir-se-ia que as rugas endurecidas se alisavam, o olhar duro amaciou-se de lágrimas — e na bocarra hedionda adejou, pairou a graça dum sorriso trémulo e indeciso... O busto vergado aprumou-se e estática, como sonambula, a velha pôs-se de pé. Aparecia agora como transfigurada por milagre, irradiava dela um deslumbramento e o rosto rugoso ungia-se de doçura, de beatitude, de enlêvo...

Vacilou, tropega, e de mãos estendidas caminhou direita a ele, sem despregar os olhos iluminados, a boca em sorriso, tocada de ternura...

— José! Meu filho!...

Havia na sua voz uma mistura de ansiedade e grito, de inefavel ventura, de soluço e de beijo...

— Meu filho! Meu José! És tu!...

E caiu de joelhos, extasiada.

O miseravel, sem perceber, varado de assombro e comoção, sentiu todo o sangue subir-lhe ao cérebro. A vista toldou-se-lhe, cambaleou. Com uma prodigiosa rapidez passaram-lhe em visões torvelinhantas mil figuras disformes, acotovelando-se, atropelando-se, e sentia no peito a convulsão dum riso desvairado, louco, que não podia subir-lhe á boca e o abafava... Levou a mão á garganta e sem saber o que dizia, num grito em que se amassava incertesa e jubilo, desespero e triunfo, abandono e esperança, exclamou:

— Mãe!

E caiu de bôrco, a soluçar, aos pés da velha...

(Ilustrações de Iseu)

Montes Claro.

O dr. Pragji K. Dessai, editor do «Indian Opinion», jornal fundado por Gandhi, que ha dias, de passagem nesta cidade, realizou uma conferencia na sede da União Indiana sobre a actual situação politica na India

Crianças gregas que tomaram parte no sarau realizado no Seamens Institute, organizado pela colonia grega, a favor da construção de uma escola nesta cidade para o ensino primario, vendo-se ao lado o professor Rev. J. Bertholis

"No êrmo"

...E por aqui fiquei! Olhar perdido
Nos sombrios recantos da paisagem...
Tão fatigada — já! — desta romagem,
Neste curto caminho percorrido!

E êste caminho breve — e tão comprido! —
Onde me acompanhou a tua imagem,
Onde te ouvi falar — na voz da aragem —
Que triste e doloroso me tem sido!

Porque não vens?... Há flores no balsedo,
Soluça e canta o rouxinol amigo,
E o Sol tinge de luz o arvoredo...

...Porque não vens, quando eu me encontro aqui,
Trazendo na alma aquele amor antigo,
Há tanto tempo, a esperar por ti?...

Lobos do Mar

Continuação da pagina 9

dos poveiros presta simultaneamente três optimos serviços: acusa a profundidade, demonstra se o fundo do local onde é deitada é de lodo, areia, cascalho ou pedra grande, sendo nesta ultima onde o peixe se encontra com maior abundancia, e ainda é a sonda a primeira a trazer peixe. Ligada á linha da sonda vai uma «pragueira», e o peso de chumbo é barrado na parte inferior com sebo que acusa a qualidade do fundo do mar.

A sonda vai acusando tantas braças de fundo, o que o pescador transmite á companha; chegada a determinada profundidade, a sonda traz marcada no sebo a existencia de pedra. Um grupo de pescadores aproxima-se da borda da embarcação aguardando a ordem do arrais para lançar linhas.

Outro grupo de pescadores, em igual numero, fica sentado na retaguarda daquele, empatando anzois com pedacinhos de camarão, e, a uma voz, é iniciada a pescaria.

Mas nessa tarde da chegada, o peixe do alto não dava sinais de vida por aquelas al-

turas. A sonda baixou dezenas de vezes ao fundo trazendo marcada a existencia de pedra, mas não estava lá o pargo amigo, que tinha ido a passeio, segundo a opinião dos pescadores.

Durante bastante tempo o trabalho foi consecutivo em busca do peixe, e nada de aparecer. Chegamos a recear que a superstição da gente do mar tome a nossa companhia como motivo de tanta canseira baldada. Essa impressão desaparece quando dizemos abertamente o que pensamos e todos nos retorquiram que não estranhavam o que se estava passando, pois muitas vezes se tinha dado o caso de não encontrarem peixe, nem para comer.

Tranquilizamo-nos, lamentando no entanto que naquele dia sucedesse o mesmo de tantos outros.

Mais umas voltas largas com a embarcação a remos e a sonda baixa de novo.

Dezassete braças a sotavento, ouve-se então:

— Senti peixe, rapaziada! Preparem-se!

As linhas vão ao mar com uma acentuada ansiedade, bem marcada naqueles rostos tisnados pelo sol, de as fazerem subir cheinhas de peixe.

Mas nada! Apenas a sonda traz um pargo, que teve de condimentar com arroz para quinze homens a refeição da tarde, que por sinal já era bastante noite...

Aguardam essa refeição, ávidamente, quinze bocas, que não se satisfazem com uma simples sandwich acompanhada de um copo de cerveja. É preciso comer bem e á farta.

No fogareiro enorme, lá na prôa, a barlavento, crepita ainda o brazido da manhã, que propagou a chama a uns punhados mais de carvão que o vento forte que soprava fez esbrazear em poucos minutos.

Colocada a panela, com surpreendente proficiencia, sobre aquele, — e é digno de estudo o equilibrio malabaresco que é necessário para a caldeira não ir ao mar—foram deitados nela o arroz e o peixe, de mistura com a água que ali se encontrava em ebulição.

Minutos depois estava pronta a refeição, que foi regada com um môlho muito especial usado pela gente da Povoa, e que tem um sabor agradável.

Já noite alta a embarcação é amarrada á poita e as pseudo-camas de bordo são arranjadas. Começam os quartos de vigilia, de hora a hora, não vá o vento rebentar a amarra e levar a embarcação ao Deus dará.

* * *

Um toldo enorme serve-nos de telhado e de lençol. Dorme-se bem a bordo. De noite não se pesca e ás primeiras horas da alvorada lá volta o fogareiro com toda a sua fôrça a fazer ferver uma enorme cafeteira com água para o café, que é depois racionado.

Tomado este, volta a sonda a trabalhar a procurar peixe, porque não há «toilettes» a fazer. Desamarrada a embarcação começa a intensificar-se a pesquisa.

Uma hora, duas horas, e o insucesso da vespera continua. A «Flor do Mar» percorre algumas milhas em redor, e então, como num grito de gloria, o «ti Luiz» descobre o cardume. Estabelece-se o «elan» e as linhas são atiradas rápidamente ao mar. A sonda é puxada, trazendo consigo uma duzia de pargos cuja escama prateada, brilhando aos raios solares, quási nos não deixa fixá-los.

— Ala! Ala arriba com as linhas, rapazes! grita alegremente o arrais lá do seu canto.

E neste momento desencadeia-se um acalorado fraseado entre toda aquela gente, fraseado que nos fere os timpanos pois dele saem pragas que só o vocabulário dum pescador poderá registar.

A algazarra é ensurdecedora, emquanto as

linhas, num constante vaivem, vão trazendo peixe para dentro da embarcação.

O pescador atira a linha e só a retira quando sente que o numero de peixes é grande. Vêm de cinco a vinte peixes, — pargos, robalos e garoupas.

Com a prática adquirida, ele sabe contar, sem ver, o que vai ficando preso nos anzois.

Puxa a linha e grita para o seu ajudante: Safa esse peixe depressa, que anda peixe grosso lá em baixo! Vamos, rapazes, que Deus ajuda-nos!

Mas de repente a fartura desaparece por completo, surpreendendo-nos a todos.

O arrais procura o sinal que localisou o cardume de peixe. É uma lata de gasolina vazia hermeticamente fechada que serve de boia e marca o local de que a embarcação se foi desviando com a maré. Umas remadas e a «Flor do Mar» volta a aproximar-se.

O peixe acode de novo. O mesmo fraseado, as mesmas pragas, as mesmas alegrias, e dentro de duas horas estava a pescaria feita.

Agora o peixe é lavado e cuidadosamente arrumado nas «urnas» frigorificas no porão da embarcação.

Já se canta a bordo, e separa-se o melhor peixe para a caldeirada.

Prepara-se a volta. Deitam-se ainda as linhas uma vez mais, para ver se o cardume desapareceu. Ouvem-se gritos: É o pescador Mário Gavino que pede que preparem o «bi-

cheiro» para arpoar um peixe grande que veio á linha. O «bicheiro» é um pau comprido, tendo numa das extremidades um arpão com que é içado o peixe grande assim que aparece á tona de água.

A força do pescador tem de ser grande para conduzir esse peixe, que deve ter alguns quilos e pode rebentar a linha.

As guinadas que ele dá são de uma velocidade e força colossais. A linha a cortar a água sibila.

E ao ver-se uma enorme cabeça a aproximar-se da superficie, o «bicheiro» desce e é metido na boca da já reconhecida garoupa, fazendo-a saltar para o convés. Acabou, definitivamente, a pescaria. A caldeirada está pronta. Só peixe, peixe que foi preciso acabar de matar para não ser salgado ainda com vida.

A alegria a bordo é indizivel. Discute-se a boa qualidade do peixe. A pescaria foi boa em qualidade e em quantidade e o almoço decorre com animação, almoço a que já assistimos, refeitos do enjôo que nos deitara abaixo, arranchando da travessa do «ti Manel Rosmaninho» e do «António Malga».

A meio almoço o «ti Samuel», lá da prôa, grita alegremente: «Eh rapazes! Se «quisereis» mais pão e água é pedir»!

Esta generosidade surpreende-nos, dada a fartura do repasto, por a não termos visto na vespera. Mas alguem do lado nos elucida, por haver compreendido a nossa admiração por tanta insistencia na oferta de pão e água dôce:

— O senhor admira-se do «ofercimento»? Cá no mar é assim! Á vinda, não «s'ofrece» uma buchinha, nem pinga de água a mais do que a ração, porque não se sabe de quantos dias é a «biagem». Mas agora, como o «tempinho» ajuda a caminhar «depressinha» para a cidade, é comer pão e beber... água á farta.

Á algazarra da pescaria e á azafama da preparação do peixe segue-se depois do almoço o silencio absoluto. É a hora da sesta. Entretanto, outro processo de pesca voltou a ser utilizado como á ida, sem ter sido obtido resultado algum: a pesca ao «corrico».

A pesca ao «corrico» destina-se a pescar a espécie de peixe que anda quási á superficie da água, como o peixe serra. A linha é amarrada á ré da embarcação, dando-se-lhe a uma distancia de três palmos da amarração uma enorme laçada que é desfeita ao mais pequeno esticão.

Na volta, este genero de pesca satisfaz, pois foram apanhados serras com pêso superior a 15 quilos cada. Mas depois das puxadas da linha que deslisava atraz da embarcação com grande velocidade, nem sempre a satisfação do pescador era grande, pois surgiam contrariedades que o faziam desfiar um rosário de pragas de fazer corar um granadeiro.

Umas vezes, empregando o pescador toda a sua força e conhecimentos para trazer até bordo um bonito exemplar de peixe serra, este, a uma pequena distancia da embarcação, ou rebentava a linha ou conseguia safar-se do anzol. De outras vezes em vez de peixe serra aparecia um enorme cação, especie que abunda e que os pescadores puxam para bordo para se vingarem do atrevimento. O cação entra no barco e uma enorme faca separa-lhe a cabeça, sendo atirados os bocados para o mar outra vez. É um inimigo que paga caro as linhas que faz rebentar. O regresso está sendo feito com bom vento e maré a favor, que permitem navegar em linha recta, tornando assim mais curta a distancia que nos separa de Lourenço Marques.

Já sol a pino, passa á nossa rez, com toda a sua imponencia e superioridade, um «Castle». De lá acenam-se lenços dos turistas, admirando talvez a fragilidade das lanchas á vela, e pouco depois passavamos próximo da Xefina, dessa iha que seria um formidavel ponto de turismo se a idea do seu desenvolvimento se tornasse praticavel. A praia é linda e a água limpida e cristalina como em dia nenhum a têm os banhistas da Polana.

Meia hora depois a «Flor do Mar» atraca de novo ao ponto de onde três dias antes havia largado á mercê da sorte e ao pôrmos pé em terra ressoa-nos ainda aos ouvidos o caracteristico brouhaha da pescaria, sobresaindo uma quadra das muitas cantadas mar fora ao som de uma sanfona, e que resa assim:

Vamos cantar e bailar
Tomar a fresca do mar,
Ele é lindo e a noite é bela
E a poveira sabe amar.

O peixe, á tardinha, é retirado das «urnas» com todo o cuidado e pôsto em caixas que uma pequena carroça transporta para o frigorifico de terra.

No dia seguinte, aos primeiros alvores, é levado para as bancas do mercado onde as donas de casa o procuram para saborearem ao almoço o magnifico peixe do alto que tanta canseira causou aos poveiros.

E, ao almoço, o peixe do alto vai a todas as mesas, apresentado nas mais variadas formas, saciando estomagos e bôcas com os mais diversos paladares, levado por mãos que o trabalho enrijou e calejou e por mãos finas e delicadas de mulher.

Arnaldo Silva.

O JAPÃO

A gravura representa um maravilhoso cortejo, recentemente realizado em Toquio, reproduzindo a historia da locomoção japonesa

Algumas crianças paradas em frente dum estabelecimento onde se encontram expostas lanternas, ricamente decoradas, destinadas a uma grande festa infantil

O Japão, pelo drama que se tem desenrolado no Extremo-Oriente e pela atitude que recentemente tomou perante a Sociedade das Nações, tem prendido as atenções do mundo inteiro e está na ordem do dia.

Povo de extraordinárias qualidades, avido de coisas novas, com formidaveis possibilidades de assimilação (apesar das suas caracteristicas proprias profundamente marcadas) possui hoje uma colossal industria, havendo até quem lhe tenha chamado a Inglaterra do Oriente.

A verdade, porém, — não obstante muito se falar dele — é que o Japão é muito imperfeitamente conhecido no Ocidente.

Nós, portugueses, no geral, — á parte rarissimas excepções—conhecemo-lo apenas pelos quadrinhos delicados e impressionantes dos livros de Venceslau de Morais... E não fazemos uma idea aproximada, vaga mesmo sequer, da sua história, das suas tradições, da sua literatura. Principalmente da sua literatura, que é riquissima: «uma das verdadeiras riquesas da humanidade elaborada no decurso de três mil anos». E — coisa curiosa! — ao mesmo tempo que a pintura japonesa tem exercido uma certa influencia, por vezes, no Ocidente, a literatura ocidental tem vindo a ser assimilada pelo Japão duma maneira notavel em todas as suas formas, mesmo nas mais modernistas.

Desde a Revolução de 1867, provocada pela importação da civilização europeia, toda a vida do Japão se transformou: a literatura, as artes, a ciencia, a vida social, individual, familiar — o vestuário, as casas, a alimentação, tudo. E, embora certas tradições, muito caracteristicas, ainda se perpetuem, a verdade é que o Japão constitui o mais brilhante exemplo das qualidades de adaptação dum povo, em desmentido formal da máxima gasta de que «na Natureza não há saltos»...

Os «Moitis», simbolos muito respeitados pelos bombeiros japoneses